



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS – LICENCIATURA

MAYARA ANDRADE RIBEIRO

JUVENTUDE SEM TERRA:
REFLEXÕES A PARTIR DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO
MAILA SABRINA, MUNICÍPIO DE ORTIGUEIRA/PR

LARANJEIRAS DO SUL

2021

MAYARA ANDRADE RIBEIRO

JUVENTUDE SEM TERRA:

REFLEXÕES A PARTIR DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO

MAILA SABRINA, MUNICÍPIO DE ORTIGUEIRA/PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de graduada em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Marcon

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ribeiro, Mayara Andrade

JUVENTUDE SEM TERRA:: REFLEXÕES A PARTIR DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO MAILA SABRINA, MUNICÍPIO DE ORTIGUEIRA/PR / Mayara Andrade Ribeiro. -- 2021.
49 f.

Orientadora: Doutora Fernanda Marcon

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2021.

1. Acampamento Maila Sabrina. 2. Juventudes. 3. Juventudes do Campo. 4. MST. I. Marcon, Fernanda, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MAYARA ANDRADE RIBEIRO

JUVENTUDE SEM TERRA:

REFLEXÕES A PARTIR DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO
MAILA SABRINA, MUNICÍPIO DE ORTIGUEIRA/PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de graduada em Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 18/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Marcon – UFFS
Orientadora

Prof.^o Dr. ^o Felipe Mattos Monteiro – UFFS
Avaliador

Prof.^o Dr. ^o Ivan Paolo de Paris Fontanari – UFFS
Avaliador

À minha mãe Roseli, mulher guerreira, que mesmo diante de muitas dificuldades, sempre esteve presente me apoiando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que veio me guiando no caminho até aqui.

À minha mãe, Roseli, e minha irmã, Marynara, mulheres guerreiras e que são um grande exemplo para mim. Obrigada por me apoiarem financeira e, principalmente, emocionalmente. Agradeço aos homens da minha vida, meu pai, Joarez, meus irmãos Cris e Mayk. Vocês são meu porto seguro.

À professora Fernanda Marcon, que orientou essa “desorientada” que aqui vos escreve. Obrigada pelas imensas contribuições teóricas. Para além de uma orientadora e mulher guerreira e capaz de tudo, é uma grande amiga.

Aos meus amigos e amigas do curso que diante de tantas risadas e choros nos esforçamos e construímos histórias que serão sempre lembradas por mim. Em especial à Isabel, uma amizade que vou levar para além do curso e que diante de tantos perrengues nos mantivemos firmes, apoiadas uma na outra. “Isabel, lê meu texto e vê se tá bom”. Obrigada por tudo.

A todos os professores e professoras do curso que fizeram parte do meu aprendizado. Também a todos os envolvidos na parte da organização do CEAGRO, afinal, se alimentar é importante para pensar.

À Universidade Federal da Fronteira Sul, que abre espaço para a classe pobre ter acesso à educação. Principalmente por propiciar conhecer diferentes culturas, pessoas de diferentes lugares e experiências e que trazem consigo a luta pela terra.

Ao MST, que me propiciou grandes aprendizados e revolucionou minha forma de compreender o mundo.

Aos entrevistados e entrevistadas, que mesmo diante de um momento tão difícil pelo qual estamos passando, não mediram esforços para me responderem. Sem vocês essa pesquisa não se realizaria. Deixo expressa aqui a minha gratidão.

ETERNA DESPEDIDA

VIVER

É UMA ETERNA DESPEDIDA

ENTRE O QUE SOMOS AGORA

E O QUE VAMOS SER

EM SEGUIDA

(Lucão, "Telegramas", 2016)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre o conceito de juventude enquanto construção social, por meio da experiência de jovens militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), residentes do acampamento Maila Sabrina, municípios de Ortigueira e Faxinal, estado do Paraná. Percebe-se que a temática em torno das juventudes - e também as juventudes do campo – é pertinente para as Ciências Sociais e Humanas, tendo em vista a amplitude de trabalhos a respeito. A pesquisa é de natureza qualitativa, utilizando análise bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas com alguns integrantes do “Coletivo de Juventude Filhos do Chê”. Ao descrever as atividades do Coletivo e de seus integrantes, este trabalho procurou refletir sobre as especificidades de jovens militantes em um movimento social que tem como uma de suas principais demandas a Reforma Agrária.

Palavras-chave: Acampamento Maila Sabrina. Juventudes. Juventudes do Campo. MST.

ABSTRACT

The purpose of this course conclusion paper is to reflect on the concept of youth as a social construction, through the experience of young activists from the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), residents of the Maila Sabrina camp, municipalities of Ortigueira and Faxinal, state of Parana. It is noticed that the theme around youth – in addition the youth in the countryside - is relevant to the Social and Human Sciences, in view of the breadth of work on this subject. The research is of a qualitative nature, using bibliographic analysis, in addition to semi-structured interviews with some members of the “Coletivo Filhos do Chê”. By describing the activities of the Collective and its members, this work sought to reflect on the specificities of young activists in a social movement that has Land Reform as one of the main requirements.

Keywords: Maila Sabrina camp. Youth. Youth of the countryside. MST.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1.....	34
Fotografia 2.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPT	Comissão Pastoral da Terra
MDA	Ministério do Desenvolvimento Rural
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEAD	Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1.	<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>12</u>
2.	<u>CONCEITO DE JUVENTUDE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....</u>	<u>15</u>
2.1	<u>A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL</u>	<u>15</u>
2.2	<u>OS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES E SUAS DIFERENTES TEMÁTICAS.</u>	<u>16</u>
2.3	<u>JUVENTUDE DO CAMPO/RURAL.....</u>	<u>20</u>
3.	<u>MILITÂNCIA E JUVENTUDE DO CAMPO.....</u>	<u>24</u>
3.1	<u>JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....</u>	<u>24</u>
3.2	<u>O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA E A MILITÂNCIA JOVEM.....</u>	<u>26</u>
3.3	<u>A JUVENTUDE E O ACAMPAMENTO MAILA SABRINA.....</u>	<u>29</u>
4.	<u>COLETIVO DE JUVENTUDE “FILHOS DO CHÊ”: UMA TENTATIVA DE ORGANICIDADE.....</u>	<u>32</u>
5.	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>44</u>
	<u>REFERÊNCIAS.....</u>	<u>47</u>

1 INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, as Ciências Sociais e Humanas, de uma maneira geral têm buscado uma nova perspectiva para compreender as juventudes, e também as juventudes do campo, para além de um enfoque sobre a faixa etária, e desvinculando o tema das juventudes à problemas de delinquência e marginalização, buscando compreender os múltiplos significados que essa categoria possui. Diante disso, juventude é entendida como “mais que uma palavra” (PEREIRA, 2007, p. 1) ao passo que esses jovens e suas especificidades tornam-se relevantes quando se reflete o protagonismo assumido por eles em várias esferas da vida social.

O locus da pesquisa foi um coletivo de juventude no acampamento do MST denominado “Maila Sabrina”, localizado nos municípios de Ortigueira e Faxinal, estado do Paraná. O Movimento está diretamente relacionado com a luta pela terra no Brasil, tendo como objetivo a Reforma Agrária. Ao longo de sua trajetória, foi assumindo outros objetivos para além do acesso à terra, reivindicando acesso aos direitos básicos dos cidadãos, como saúde e educação. É nesse contexto que se encontra a juventude do MST que este trabalho se propôs a estudar, vinculada à luta e à identidade Sem Terra. Nessa perspectiva, torna-se pertinente entendermos como se constroem as experiências de tornar-se jovem em um acampamento do MST. A pesquisa tinha como objetivo geral realizar uma etnografia no acampamento, porém diante da pandemia causada pelo novo coronavírus COVID-19, o acampamento restringiu a visita de pessoas, não possibilitando um trabalho de campo. Dessa forma, indaga-se: como se constroem as experiências de juventude entre os integrantes do Coletivo e como esses jovens entendem e experimentam na prática sua militância.

Como objetivos específicos, buscamos entender a constituição histórica do acampamento e sua forma de organização, além de aprofundar a categoria de “juventude do campo” a partir de revisão de literatura, o que se mostrou importante para entendermos a juventude enquanto construção social, uma vez que buscamos nos desvincular de uma visão adultocêntrica que relaciona a juventude com um “problema” a ser resolvido. Foram realizadas 5 entrevistas semiestruturadas com integrantes do Coletivo, enviadas por e-mail e por arquivos de áudio devido ao

contexto de pandemia e impossibilidade de realização da pesquisa de modo presencial. As perguntas das entrevistas se referiram às experiências jovens em sua militância e trajetórias de vida a fim de compreender sua inserção no Movimento e expectativas sobre sua atuação nele. A pesquisa também seguiu os critérios éticos e por isso utilizamos nomes fictícios e os áudios e entrevistas serão mantidos em sigilo pela pesquisadora por até 5 anos em seu computador pessoal.

No primeiro capítulo, apresentaremos o conceito de juventude nas Ciências Sociais partindo de autores e autoras que se dedicaram à compreensão da juventude em suas especificidades e também à historicidade da categoria juventude. Além disso, foram apresentados os estudos sobre juventudes e suas diferentes temáticas, buscando relacioná-las com diversos campos como gênero, escola, família, violência, classe, lazer, grupos étnicos e juventudes do campo. Ao analisar os diversos temas, podemos ter a compreensão de que quando falamos de juventude, é preciso pensá-las no plural, em diferentes contextos. Por fim, analisamos por meio de distintos referenciais teóricos a juventude do campo ou juventudes do campo, em que se apresenta a realidade dos sujeitos desta pesquisa. A juventude presente/residente no campo ainda apresenta poucos estudos acadêmicos se comparado às juventudes nos contextos urbanos. Essas questões são muito pertinentes ao se pensar a realidade do campo brasileiro, mostrando a invisibilidade a que os jovens estão submetidos tanto no meio acadêmico quanto por parte do Estado.

No segundo capítulo, analisaremos a militância e juventude do campo, tendo em vista que é um tema importante para entendermos como ocorrem os conflitos geracionais dentro do Movimento e a problemática da permanência no campo. Entendemos que o campo é um espaço de disputas, e o MST e os jovens Sem Terra se inserem nessas disputas a partir da luta por Reforma Agrária. Para o Movimento, trata-se de uma luta “revolucionária”, sendo assim, resistir no campo se relaciona com resistir ao modelo dominante. Essa bandeira de luta é apresentada para os acampados e acampadas e a juventude Sem Terra é muito requisitada nesse processo de resistência. Os esforços do estudo estiveram voltados a entender a juventude e sua participação no campo da política, e o que se pôde perceber é que a juventude esteve presente em diversos momentos de luta na busca de transformação social ao mesmo tempo em que foi entendida como um problema social, pois apresentava formas diferentes de se expressar e fazer política.

O MST estabelece uma relação entre a luta pela terra e a formação humana, assumindo a tarefa de formar politicamente os Sem Terra para que possam tornar-se conscientes do processo histórico de exclusão do campo. Assim, o Movimento adota em seus programas de educação uma pedagogia voltada para a realidade dos acampados e por meio da Escola Itinerante¹ inicia o processo de formação dos estudantes da Educação Básica, buscando dar continuidade ao movimento a partir das novas gerações. Finalizamos o segundo capítulo apresentando o acampamento Maila Sabrina, que se encontra em situação de acampamento há mais de dezoito anos. Ao longo dos anos, o acampamento teve três coletivos de juventude e o mais recente foi criado no ano de 2019, denominado “Filhos do Chê”. Os coletivos são a forma de auto-organização dos jovens, e sua contribuição com o MST, mesmo que em muitos casos os coletivos tenham se tornado responsáveis apenas por atividades de lazer e cultura.

O terceiro e último capítulo constitui o eixo central do trabalho aqui proposto, pois buscamos descrever e analisar o coletivo de juventude e sua busca por organicidade. Os coletivos exprimem a organicidade própria do MST (descrita no capítulo 2), mas encontram barreiras na participação em espaços de tomada de decisão no acampamento, geralmente ocupados por adultos. Além disso, a juventude Sem Terra encontra dificuldades em ter suas formas de expressão aceitas pelos adultos nos acampamentos, pois suas formas de se divertir comumente são vistas como formas despolitizadas. Nesse sentido, os coletivos de juventude acabam representando um espaço onde a juventude expressa a política da forma como ela a concebe. Ao mesmo tempo, a demanda por criação desses coletivos, e particularmente no caso em análise, tem representado uma forma de controle sobre a juventude, no sentido de que ela se ocupe de algo considerado produtivo.

¹ As escolas itinerantes são escolas instaladas em acampamentos do MST e que se deslocam com estes acampamentos, buscando garantir o acesso permanente à educação pelos filhos de acampados. Sobre as escolas itinerantes, ver: BAHNIUK, Caroline; CAMINI, Isabela. Escolas Itinerantes. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

2 CONCEITO DE JUVENTUDE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O tema das juventudes vem sendo bastante estudado no campo das Ciências Sociais e Humanas, articulando diferentes perspectivas teóricas e análises metodológicas. Atualmente, de uma forma analítica, discutem o tema juventude deixando de lado a visão “adultocêntrica”, isto é, a que percebia os jovens a partir de uma visão preconceituosa do pesquisador, enviesada por uma ideia do jovem e da criança como incompletos ou pré-adultos. Também há uma variedade de assuntos relacionados aos jovens, não os vinculando apenas a questões sobre violência, escolarização e trabalho. “A história da juventude é a própria história de como ela foi estudada, conceituada, apreendida.” (MARCON; RIBEIRO, 2019: p. 4). Neste capítulo, abordarei como a categoria juventude/juventudes foi se constituindo na área das Ciências Sociais e como o campo de estudos também passou a englobar várias temáticas de análise dos jovens em seus diferentes contextos sociais.

2.1 A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A juventude pode ser apresentada aqui como uma construção social, entendida como “mais que uma palavra”, ou como “muitas palavras” (PEREIRA, 2007: p 1). Me vinculo à perspectiva de que o conceito de juventude se constrói a partir do meio social em que os jovens estão inseridos. Sendo assim, de acordo com Pereira:

[...] entendida de forma isolada, a noção de juventude poderia realmente ser apenas uma palavra, pois só faria sentido na contraposição com algo ou alguém que seja mais velho e dessa forma, portanto, diria muito pouco. No entanto, esta noção pode fazer muitos outros sentidos e proporcionar diversas possibilidades de apreensão se articulada com outros elementos como cidade ou espaço urbano, etnicidade, corpo, gênero, classe social e até mesmo lazer e violência [...]. (PEREIRA, 2007, p. 14).

Diante disso, ao analisarmos a juventude, sem colocá-la em um contexto, em uma realidade de um determinado tempo, se torna apenas uma palavra. Se tentarmos analisá-la só por meio de uma faixa etária estaria sujeita a manipulações,

“divisões entre as idades são arbitrárias”, como pontuou Pierre Bourdieu (1983, p. 151), entendendo que a juventude só faz sentido em contraste a outros grupos etários ou sociais. Para Pereira (2007), não se tem uma definição exata sobre a noção de juventude e qualquer definição se tornaria arbitrária, pois há uma diferença entre idade biológica e idade social.

A juventude não é uma abstração, apesar de ser difícil defini-la apenas a partir de critérios biológicos. Por isso, é importante entendê-la como construção social e investigar o contexto social e como ele define o que é ser jovem, em contraposição à velhice ou à infância. Quando tratamos do tema juventude relacionado a um contexto social e a questões de classe, Bourdieu analisa que:

Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, podemos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia a preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido etc. (BOURDIEU, 1983, p. 153).

Não podemos analisar a juventude sem observar a qual classe ela está inserida, já que acaba por influenciar sua constituição. De acordo com Bourdieu (1983), cada jovem inserido em sua classe social abordaria leis específicas de envelhecimento. O jovem da classe dominante carrega consigo definições do ser jovem em uma classe dominante. Ele apresentaria características desde o modo de vestir até o modo de agir quando comparado ao jovem proletário da mesma idade biológica, mas que por estar em uma classe diferente, apresenta comportamentos diferenciados, “são adultos para certas coisas, são crianças para outras” (BOURDIEU, 1983, p. 154).

2.2 OS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES E SUAS DIFERENTES TEMÁTICAS

A palavra juventude vem sendo cada vez mais discutida no século XXI, comparada aos anos anteriores, observamos um amplo campo de estudos e

produções bibliográficas sobre esse assunto que vêm ganhando relevância, tanto no meio acadêmico como em outros espaços políticos. Porém, a juventude não está sendo estudada isoladamente, traz consigo campos temáticos que buscam entender a juventude relacionando-a com outras questões, como o gênero, escola, família, violência, classe, lazer, grupo étnico e meio rural. Toda construção feita acerca dos estudos sobre juventude até aqui traz avanços significativos para entender o que é juventude/juventudes. Nesse sentido, abordarei aqui como alguns trabalhos compreenderam a juventude em diferentes contextos e práticas e como esse debate foi se constituindo.

A juventude relacionada à escola/sistema educacional propiciou estudos que mostraram a divisão por faixa etária. Abrindo espaço para um determinado grupo com a mesma faixa etária se relacionar entre si e criar espaços próprios, a escola segmentou a sociedade em faixas de idade ou níveis escolares, apartando crianças e jovens do universo adulto, do trabalho e da política. A escola seria como um intermédio entre a criança e o mundo adulto, uma vez que lá ele iria se preparar para assumir as responsabilidades posteriores.

Se foi a escola a principal responsável pelo surgimento das categorias de infância e juventude como se configuram atualmente, pode-se dizer que também ocorre hoje o processo inverso, e, assim, os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, estariam recriando tal espaço com suas novas demandas. Isto porque, o isolamento de crianças e jovens permitiu a estes um contato maior entre si e o estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis e infantis específicas que passaram a ter a escola como referência. (PEREIRA, 2007, p. 2).

São esses espaços separados do mundo adulto que caracterizam um jovem “estudante”. E são nesses espaços que eles também entram em contato com diferentes saberes e valores que vão moldando subjetividades e expressões corporais.

Conforme Duarte (2012, p. 54), o foco na juventude e suas características tomou grandes proporções com os desdobramentos políticos e econômicos ocorridos posteriormente à Segunda Guerra Mundial no mundo todo. Essas mudanças refletiram na categoria juventude, propiciando uma atenção do mercado sobre esse estrato da população a partir dos anos 1950. Dessa forma, os jovens e uma determinada juventude foram destacados em propagandas relacionadas ao

consumo das classes média e alta, estimuladas pelos meios de comunicação ou pelo surgimento do *rock and roll*, e até o *punk*, um pouco mais tarde. Diversos jovens começaram a se expressar a partir da indústria da cultura e da cultura pop e urbana, constituindo assim diferentes formas de vestir, falar, andar, pensar e agir, em busca de uma identidade própria, renovando a ideologia individualista em um período de ressaca após regimes totalitários e nacionalistas. Essa nova onda de expressão diferenciada daquilo que a sociedade estava acostumada acabou tomando um viés diferente para a categoria, pois agora ela passava a relacionar-se à criminalidade, violência e subversão. Desde então, a juventude passa a ser estudada por diferentes perspectivas, e englobar diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia, História, Educação, Sociologia, entre outros.

Juventude também foi relacionada fortemente à perspectiva da classe social. Essa perspectiva partia do pressuposto de que uma vez em que vivemos em uma sociedade capitalista e classista, é impossível pensar o ser jovem em um contexto isolado de suas condições materiais. Com isso, jovem de classes privilegiadas poderiam usufruir mais da sua juventude, muitas vezes resumida a estudar, festejar, desprovidos de preocupações. Enquanto os jovens de classe periférica entrariam de forma prematura no mundo adulto, tendo que trabalhar e arcando com obrigações, muitas vezes de sustentar a família. Essa seria uma definição entendida como “moratória social” (MARGULIS & URRESTI, 1996 *apud* PEREIRA, 2007), uma forma de estudar a juventude relacionada com a questão social e de classe. Outra forma de se pensar juventude é relacionada à perspectiva da “moratória vital”, que entende que ser jovem independe da classe, pois se trataria de uma definição biológica pela qual todos passamos, um período da vida com excedente temporal, onde a juventude é vista como algo distante do fim, ou seja, da morte, e que por isso, os jovens teriam características relacionadas à energia e à coragem.

A questão do corpo e das relações de gênero também foi central no pensamento sobre a juventude. Dependendo da sociedade em que a mulher está inserida, sua relação com o ser jovem também se modificará. Tendo em vista que vivemos em uma sociedade machista, meninas acabam muitas vezes vivenciando menos a juventude, pois carregam consigo o peso da maternidade, assumindo responsabilidades maiores e deixando de lado prematuramente a experiência da infância e da juventude. Essa diferença se mantém até para os jovens da mesma classe, mostrando que isso é um problema que deve ser pensado para além das

condições materiais, mas como uma questão de gênero interseccionada pela questão de classe, mas também étnico-racial².

Outra perspectiva de análise pode ser representada pela corrente geracional, onde se analisa a cultura jovem em contraposição à geração adulta. Entendida muitas vezes como uma subcultura em transição para a geração adulta, a juventude muitas vezes é tomada como transicional, passageira, incompleta, isentando o pesquisador de levar a juventude a sério, como um fato, uma experiência humana completa.

Os jovens também são estudados levando em consideração seu território. Uma vez que grande parte dos estudos focou nos espaços urbanos, os jovens com suas manifestações próprias são analisados a partir de sua intervenção nos espaços públicos, utilizando o grafite, entre outras formas de manifestações, para demonstrar seus pensamentos e constituindo territorialidades: a rua, o bairro, a escola, a “quebrada”. Buscando relacionar com a questão étnico-racial, vemos que jovens negros também buscam construir territorialidades (PEREIRA, 2007, p.11), por meio da cultura e das expressões urbanas, como o Rap e o Samba.

De acordo com Pereira (2007, p. 12 – 13), a juventude também vem sendo relacionada com o lazer, entendida por muitos autores com um tempo que não é só dos jovens, mas que seria mais vivenciado por eles. As práticas culturais de lazer possibilitam ao jovem momentos de sociabilidade e exaltação de identidades individuais e coletivas. As experiências de lazer e festivas são relacionadas às práticas da juventude, como espaços de sociabilidade por excelência destes grupos, espaços por vezes criminalizados, como é o caso dos bailes funk nas periferias.

A violência, por sua vez, historicamente esteve relacionada ao estudo da juventude. Desde os anos 1920, os jovens eram compreendidos a partir da chave da delinquência. Os estudos se referem tanto ao jovem enquanto vítima quanto autor das violências. Porém, não se pode negligenciar esta questão. No Brasil, a violência juvenil geralmente está relacionada com o aumento da criminalidade em geral da sociedade, muitas vezes relacionada ao narcotráfico (PEREIRA, 2007, p. 13). No entanto, sabe-se que há pouca atenção e políticas públicas voltadas aos jovens, sobretudo, jovens pretos e pobres, que infelizmente se sobressaem nas estatísticas de violência.

São muitas as temáticas que envolvem a categoria juventude e não pude abordar todas aqui. No entanto, é possível analisar que a juventude não pode ser

² Sobre a questão de gênero para se pensar as juventudes, ver o trabalho pioneiro de Margaret Mead, “Coming of Age in Samoa” (2001).

pensada apenas como um processo biológico, pois este não contempla toda a especificidade do “ser/tornar-se jovem” em diferentes contextos sociais. Pensar a juventude na medida em que se contrapõe a outros grupos, porém, faz com que diversos temas se apresentem, mostrando as muitas possibilidades de ser analisar o fenômeno.

Buscarei apresentar na sequência os estudos acerca das juventudes em contextos rurais, ou seja, as juventudes do campo. Sabemos que os estudos sobre essa categoria são em menor número se comparado aos estudos sobre jovens em contextos urbanos, porém, há estudos relevantes e que trazem questões interessantes, sobre as quais falarei a seguir.

2.3 JUVENTUDE DO CAMPO/RURAL

Quando buscamos retratar o que é ser jovem no campo, as pesquisas diminuem significativamente, pois o tema da juventude relacionado à questão do campo não é foco de muitos trabalhos acadêmicos. Geralmente, o jovem ou a juventude vêm relacionados às áreas urbanas, aos grandes centros, como se no campo não existissem jovens e suas formas variadas de sociabilidade e expressão.

A população que reside no meio rural atualmente é de um percentual baixo, comparado à primeira metade do século XX, como mostram, por exemplo, os dados da PNAD referente ao ano de 2015. A maior parte da população brasileira em 2015 vivia em áreas urbanas, 84,72%, sendo que 15,28% dos brasileiros viviam em áreas rurais. Quando analisamos os jovens residentes no meio rural, percebe-se uma multiplicidade de características que os compõem, não sendo diferentes, nesse sentido, do meio urbano. A falsa ideia de uma juventude do campo homogênea frente a uma juventude das cidades diversificada, também deve ser desnaturalizada.

Porém, mesmo que os estudos sobre as juventudes do campo/rurais tenham sido fortemente impulsionados nos anos 1990, a busca por um conceito universalizante que venha compor uma base quando nos referimos a jovens/juventudes do campo, faz com que as ideias acerca do tema sejam colocadas em disputa na busca por universalizar a categoria. O tema juventude é visto por muitos como auto-evidente, como se a palavra por si só já explicasse e definisse o que é ser jovem.

Muitas dessas construções carregam um olhar em que juventude é passível de uma definição universalizante. Tais como: as definições da categoria a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais; as definições substancializadas/adjetivadas da categoria; e as definições que associam juventude e jovem a determinados problemas sociológicos e/ou como agentes privilegiados de transformação social. (CASTRO, 2009, p. 184).

Nesse contexto, os jovens no campo sofrem com a dupla exclusão, dos estudos acadêmicos, por um lado, e de políticas públicas, por outro.

A “situação de invisibilidade” a que está sujeito esse segmento da população se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão². Nesse contexto, a juventude rural aparece como um setor extremamente fragilizado de nossa sociedade. Enquanto eles permanecerem invisíveis ao meio acadêmico e ao sistema político, não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental. (WEISHEIMER, 2005, p. 8).

Sendo assim, a juventude do campo/rural acaba sendo tratada com descaso, fragilizando sua vida e sua influência, tanto na família como em outras instituições.

Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a autopercepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. (CASTRO, 2005, p. 18).

Os debates atualmente vêm mostrando que a juventude do campo/rural vem sendo “constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade” (CASTRO, 2009, p. 22). “Problema” esse que contribui para a invisibilidade da juventude no campo, pois geralmente a juventude vem relacionada com desinteresse pelo meio rural. De acordo com Castro (2009) o jovem no meio rural acaba sendo interpretado de várias formas por diversas questões, como a desvalorização do espaço rural comparado ao urbano, já que o campo é visto como lugar de atraso e está sendo colocado em comparação à cidade. Para além disso, o jovem também é visto com subalternidade no que se refere às relações hierárquicas no contexto familiar. Quando nos referimos ao meio rural, automaticamente nos deparamos com o modo de vida pautado no trabalho com a terra como fonte de subsistência, o que de acordo com Castro (2005) nos faz observar uma organização familiar onde quem tem o poder da palavra é do pai. Nesse contexto, o jovem é

comumente tratado como subalterno e dependente, embora crucial para a reprodução da atividade produtiva familiar. Há uma tensão na relação pais/filhos, pois o pai busca assegurar a continuidade da propriedade como forma de herança, mas o poder não é compartilhado antes de sua impossibilidade física ou morte. A reação dos filhos à subalternidade, por sua vez, “[...] aparece representada no risco da descontinuidade das relações familiares estabelecidas com a terra, caracterizada na imagem de desinteresse do jovem pela roça” (CASTRO, 2005, p. 374).

Um fator determinante, e que contribui para a saída dos jovens do meio rural é a masculinização do campo. A participação feminina nas migrações é maior quando comparada à dos homens, ou seja, “as mulheres migram mais que os homens.” (WEISHEIMER, 2005, p.8). Mulheres jovens deixam o campo com mais frequência do que os jovens homens, pois sentem mais as consequências da família patriarcal e da subalternidade dos filhos no contexto rural.

Com todas essas questões que envolvem os jovens no campo e diversos pontos a serem analisados, é possível pensar na dificuldade de uma definição para a juventude do campo/rural, já que os jovens no campo vêm sendo tratados com descaso e invisibilidade. Seus problemas de permanência no campo não são tratados com a devida importância pelos órgãos públicos, já que são minoria e não possuem direitos que favoreçam e incentivem a sua permanência naquele contexto. Não têm voz e representatividade para que possam exigir mudanças, além de serem considerados menos aptos a participar da política e das organizações.

Pensando assim é que em 2005 foi criado no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), onde se iniciam os estudos dos jovens do campo/rurais para que se pudesse pensar em como analisar a realidade desses jovens e incluí-los nas políticas públicas, fomentando projetos de desenvolvimento rural e agrário (WEISHEIMER, 2005, p. 8). No entanto, nos últimos anos o núcleo foi desarticulado e o MDA passou por profundos retrocessos, o que criou um novo desafio aos estudos sobre juventudes do campo/rurais.

De acordo com Castro (2005), para além de pensar a permanência dos jovens no campo, deve buscar-se entender as:

[...] diversas formas de construção da identidade “juventude rural” e seus correlatos “jovem rural”, “jovem da roça”, “jovem do campo”. Um grande desafio é dessubstancializar estas categorias e procurar compreendê-las em seus múltiplos significados”. (CASTRO, 2005, p. 18)

O jovem do campo está sujeito também ao modo de produção capitalista, que carrega consigo os efeitos do agronegócio. “Ao contrário do que apregoa, o agronegócio gera poucos empregos, além de promover a concentração da terra e de expulsar os trabalhadores do campo” (CANUTO, 2004, p.4). Seguindo essa lógica, a decisão de “ficar ou sair” é fortemente colocada em debate por esses jovens, levando em conta as pressões que sofrem.

A partir dos estudos de juventudes do campo/rurais, abre-se a possibilidade para se pensar o que é ser jovem no meio rural e como se dão os debates acerca da materialidade vivida pela juventude no meio rural e suas diversas definições. Além disso, entendo que a militância dos jovens no MST não pode ser pensada como descolada de uma reflexão destes jovens sobre o sistema capitalista, sua exclusão e vulnerabilidade, assim como jovens em contextos urbanos constantemente o fazem. Alguns se iniciam na militância acompanhando os pais (como foi o meu caso), chegando aos acampamentos ainda crianças. Outros engajam-se nos movimentos sociais em outros momentos da vida, “tornando-se jovens” quando passam a militar politicamente. É sobre essas narrativas e o engajamento em coletivos de juventude que o capítulo seguinte pretende se debruçar.

3 MILITÂNCIA E JUVENTUDE DO CAMPO

A luta pela terra foi palco de grandes disputas, e nesse contexto é que vemos o surgimento de uma militância da juventude do campo. Esses sujeitos partem de algo em comum, a permanência no campo. No entanto, quando pensamos em juventudes, a militância se amplia, incluindo outras demandas relacionadas à especificidade de ser jovem no contexto de luta pela terra. Os sujeitos dessa pesquisa são as/os jovens que vivem no acampamento Maila Sabrina, vinculado ao MST, e o tornar-se jovem nesse contexto traz consigo um sentido militante propiciado pela organicidade do Movimento, mas que também é ressignificado ao pensarmos as subjetividades desses jovens e seus desafios frente a luta pela terra, e principalmente a luta por seu espaço de atuação.

Antes de me ater à juventude no MST, gostaria de pontuar algumas questões relativas à percepção da relação entre juventude e participação política, seja no senso comum, seja nos estudos sobre juventudes realizados por diferentes campos de conhecimento.

3.1 JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A juventude esteve presente em muitos momentos de luta, seja nas lutas pelos direitos humanos, direitos civis, liberdade de expressão, entre outros, carregando consigo a busca por transformação social e apresentando diferentes percepções sobre o fazer político. Ao mesmo tempo, a relação entre juventude e política veio ao longo da história carregada de mudanças no olhar sobre a juventude. Nota-se que a juventude comumente foi tratada como “problema social”:

De forma geral, e grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (ABRAMO, 1997, p. 25).

A despeito dessa visão, verificamos uma grande participação dos jovens no campo político, que ao longo do século 20, se converteu em diferentes demandas, de classe, gênero e étnico-raciais. Como pontuou Castro (2008, p 253): “A participação política dos jovens não se faz no vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente”. No Brasil dos anos 1960, presenciou-se uma grande organização da juventude contra a Ditadura Militar, mas para além disso, a juventude se organizava em movimentos estudantis e sindicais a procura de criar espaços de atuação e protagonismo. Porém, partindo de uma ótica adulta, a juventude também foi entendida como “perturbadora” da ordem social

Nos anos 60 e parte dos anos 70, o problema apareceu como sendo o de toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social, nos planos político, cultural e moral, por uma atitude de crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformação — movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento *hippie*. (ABRAMO, 1997, p. 30).

Quando se pensa na atuação da juventude, há que se levar em conta a forma como ela foi percebida socialmente, mas também como foi estudada. Nesse sentido, como demonstram as reflexões de Abramo (1997), muitas vezes as expectativas sobre a atuação política dos jovens resvalava em concepções adultocêntricas e vinculadas a uma determinada forma de ver o engajamento político:

[...] a partir dos anos 80, o enfraquecimento desses atores estudantis levou a fazer notar, e lamentar, o desaparecimento da juventude da cena política, erigindo aquelas formas de atuação antes suspeitas a modelos ideais de atuação, frente aos quais todas as outras manifestações juvenis aparecem como desqualificadas para a política. (ABRAMO, 1997, p. 27).

A tematização da juventude desse período traz reflexões sobre como no decorrer dos anos vem se estudando e conceituando a juventude e sua relação com a política, e se torna evidente que a juventude não é vista como “competente”, “responsável”, quando se discute política. Para além de percepções generalistas sobre a juventude se tratar de “uma fase rebelde”, um “período difícil”, essas representações produzem um esvaziamento deliberado desses atores políticos e de suas vozes.

Além de temas como a violência, a drogadição e a marginalização, os estudos sobre a juventude têm demarcado a relação dos jovens com o mercado de trabalho.

Mais uma vez, a perspectiva do “problema social” envolve essas reflexões, colocando a relação com o mundo do trabalho como desafiadora para os jovens, deixando muitas vezes de perceber como os próprios jovens percebem essa relação. Assim, a entrada no mundo do trabalho aparece como um problema que os adultos imputam aos jovens.

A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. (ABRAMO, 1997, 29).

O panorama dos estudos sobre as juventudes em diferentes campos do conhecimento e também a percepção das juventudes apresentada no âmbito das políticas públicas e do estado parecem constituir, portanto, uma juventude menos plural do que ela efetivamente se apresenta, invisibilizando e silenciando a diversidade de suas práticas.

3.2 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA E A MILITÂNCIA JOVEM

Ao longo de sua trajetória, o MST pautou a luta pela Reforma Agrária no Brasil, o que aos poucos foi construindo a identidade “Sem Terra”. A partir dessa primeira pauta, uma demanda de fundo foi se constituindo: a de um projeto de transformação social. Como analisa Rodrigues (2017, p.31), militante do movimento: “[...] a luta por terra no Brasil não se restringe a uma questão fundiária: é uma luta, em nossa visão, que diz respeito aos interesses do conjunto da classe trabalhadora”. Os assentamentos são um dos principais objetivos a serem alcançados pelo movimento. Nesse sentido, a história de sua mobilização se iniciou com a ocupação de terras e a formação de acampamentos provisórios, tendo como marco inicial o ano de 1979, quando 110 famílias ocuparam as granjas Macali e Brilhante, no município de Ronda Alta-RS. Aos poucos, mais terras improdutivas ou com suspeita de grilagem foram sendo ocupadas em áreas de vários estados. Com isso, foi necessária uma organização maior por parte do Movimento.

A constituição do MST se deu também por meio de interações com outros movimentos, tais como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as Ligas Camponesas. Sendo fruto do processo histórico de resistência do camponato brasileiro (FERNANDES, 1999), o MST traz consigo a continuação da luta pela terra no Brasil, vivenciada desde a invasão do território brasileiro e colonização europeia a partir do século 16. Com as articulações da CPT, o MST iniciou suas atividades com ocupações inicialmente mais ao centro-sul do país, formando assim um conjunto de ações que solidificaram a fase inicial do Movimento. Em 1984, acontece o primeiro Encontro Nacional, realizado entre os dias 21 e 24 de janeiro na cidade de Cascavel/PR. Depois disso, as ações do MST começaram a formar trabalhadores Sem Terra em vários estados, e como meio de atuação política, elaboraram seus objetivos:

1 – Lutar pela reforma agrária; 2 – Lutar por uma sociedade justa, fraterna e acabar com o capitalismo; 3 – Integrar à categoria dos sem terra: trabalhadores rurais, arrendatários, meeiros, pequenos proprietários etc.; 4 – A terra para quem nela trabalha e dela precisa para viver. (FERNANDES, 1999, p. 74).

Estavam claras as demandas do MST e o que precisava ser feito para solidificar sua luta, envolvendo outros movimentos e pessoas em prol da reforma agrária e uma união que se sensibilizasse com a luta pela terra e a luta contra o capital. Em 1989, foram criadas as palavras de ordem: “Ocupar, resistir, produzir.” (FERNANDES, 1999, p. 177), assim como o Hino do Movimento Sem Terra, trazendo consigo vários significados.

Ao longo desse período, um movimento que nasceu como fruto de ocupações na região sul se nacionalizou e se colocou no debate nacional sobre a reforma agrária. Entre as tarefas que se colocaram estava a formação política da militância. (RODRIGUES, 2017, p. 29).

De acordo com Fernandes (1999), no decorrer do processo de formação do MST, outros objetivos foram se incorporando à pauta de luta, para além do combate ao latifúndio, dimensionando a luta pela terra em luta por educação, por moradia, por transporte, por saúde, por política agrícola. Objetivos que estruturaram toda a forma de organização, pautada na formação política dos Sem Terra. Desde o seu surgimento, o MST apresenta uma organização e um modo de se fazer a luta muito específica e que deu um carácter específico às suas ações.

Com acampamentos em beira de estrada e em praças públicas, ocupações de terras e de órgãos governamentais, marchas, saques, jejuns coletivos e declarações públicas, os sem-terra criam fatos e notícia. A criação de eventos coletivos na esfera pública é o principal meio de atuação política do MST. No embate público criado pelas ações coletivas do Movimento, a definição dos direitos, das leis e da violência é a moeda de troca entre os diferentes atores envolvidos – sem-terra, proprietários, funcionários públicos, agentes religiosos, políticos, advogados, juízes, ministros, polícias militares. Com ações coletivas, o MST coloca em questão o sentido do Estado de Direito e da democracia, a definição de justiça e da violência, a constituição da ordem institucional, das leis e da legitimidade. (CHAVES, 2000, p. 14).

Além de levantar suas pautas de reivindicações frente ao Estado, o MST possui sua dinâmica interna. Atualmente, o MST está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país³, totalizando cerca de 350 mil famílias que obtiveram acesso à terra por meio da organização. A organicidade, que expressa o desenvolvimento do MST, é a sua capacidade de organização e interação nas diferentes tarefas, desde ocupar até permanecer na luta, por meio de uma estrutura participativa e democrática, ocorrendo tanto em nível regional como nacional. Mesmo após as famílias serem assentadas, isto é, conseguirem a terra pelo viés jurídico, estas áreas possuem poucas benfeitorias e infraestrutura, como saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Com isso, as famílias assentadas seguem organizadas para conquistarem estes direitos básicos. Nesse sentido o MST “[...] aparece fortalecido e reafirmando sua importância como uma alternativa a demandas sociais específicas.” (SALES, 2003, p. 61).

Oriundo de diversos movimentos sociais que foram surgindo a partir da década de 1930, diversas ações foram necessárias para que a consolidação do MST acontecesse, e nesse cenário, diversos sujeitos se colocam na frente como articuladores. Há uma dinâmica interna que orienta toda a organização do MST e que assegurou e assegura sua atuação. Ela pode ser visualizada nas diversas camadas em que um acampamento se desdobra, buscando incluir a participação de todos.

Para o Movimento é necessário construir uma estrutura horizontal baseada no princípio de que as organizações de base devem funcionar como instâncias de decisão. Existe a intencionalidade de valorizar a participação de todos os membros, organizados em núcleos de famílias e setores que, juntos, formam as brigadas. As brigadas reúnem um número de famílias que varia de 200 a 500. Cada brigada tem uma direção composta por dirigente estadual e pelos representantes de cada núcleo de 50 famílias e dos

³ De acordo com o site do MST (<https://mst.org.br/>). Acesso em: 05/05/2021.

setores. Os dirigentes das brigadas e coordenadores dos setores participam também das instâncias estaduais. (MARTINS, 2009, p. 190).

Outro elemento importante incorporado pelo MST é a “mística”. A mística tem um papel importante para o intuito do movimento em fortalecer a relação dos militantes com a luta pela terra. Dessa forma, sempre esteve presente no MST, nas suas reuniões e encontros, em suas manifestações e em diferentes atividades nos acampamentos e assentamentos.

A Mística acompanha o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra desde o momento de sua constituição como movimento social. A Mística sempre esteve lá, “no acordar mais cedo” e “convocar o povo” para as ocupações, as manifestações, a construção das necessidades e dos desejos. Convocar as famílias de trabalhadores sem terra para atuarem cheias de esperança e gerarem o MST e uma mística das ações, ora como parte da dinâmica do Movimento, ora como a própria dinâmica. (CASTRO, 2005, p. 11).

Os jovens Sem Terra participam ativamente das místicas e é esperado que eles se envolvam com elas como protagonistas, inclusive organizando-as. Uma maneira de se expressar por meio de apresentações repletas de significados.

3.3 A JUVENTUDE E O ACAMPAMENTO MAILA SABRINA

O acampamento Maila Sabrina está localizado no município de Ortigueira/PR, na fazenda Santa Maria do Carmo, agora denominada Fazenda Brasileira, ocupada em junho de 2003. Em 2019, época em que estava acampada lá, havia aproximadamente 310 famílias em busca do acesso à terra, sendo que as famílias que ocupam se organizam nas chamadas “brigadas”. Atualmente, o acampamento possui uma “brigada geral”, denominada “Brigada Chê Guevara”, que é a representante do acampamento em encontros que envolvem brigadas de outros acampamentos/assentamentos. A organização específica do acampamento está colocada da seguinte forma: dentro do acampamento, uma brigada se divide em 7 outras brigadas: cada uma possui 5 grupos, compostos por 10 famílias, totalizando aproximadamente 50 famílias por brigada, que ao se reunir discutem pontos específicos de reuniões e organicidade do acampamento. O objetivo das brigadas e grupos de famílias é facilitar o acesso à informação e melhorar a distribuição de

tarefas. Cada família pertence a um grupo de dez famílias, cada uma delas fazem parte de um setor, ou seja, fazem parte de alguma frente de tarefa dentro do acampamento, pensadas justamente para o seu funcionamento: Frente de Massa, Formação Humana, Educação, Produção, Comunicação, Saúde e Finanças⁴. Cada setor discute ou realiza reuniões para tratar de assuntos envolvendo suas tarefas.

Nesse contexto, os jovens estão inseridos com as demais famílias, não existindo um grupo ou brigada composta só pela juventude. Para a organização dos jovens, foi criado o Coletivo de Juventude, denominado “Filhos do Chê”⁵, escolhido por votação entre os integrantes. Aqui se coloca uma reflexão interessante, pois os jovens do acampamento acabaram escolhendo um nome que remete à condição da juventude, segundo sua percepção: “filhos de...”, aqueles que se identificam por uma filiação, demarcando a importância da relação geracional nesse contexto, seja entre pais e filhos ou militantes antigos e novos.

Esse coletivo tem como responsabilidade “organizar os jovens”, tanto na questão política quanto na questão de atividades de animação⁶, esporte e lazer, pensando em reforçar a permanência dos jovens no acampamento. Nesse sentido, o coletivo de juventude constitui um espaço-tempo à parte das obrigações que o acampamento possui, a partir da organização das brigadas.

O acampamento é um espaço de formação constante, entrelaçado com a luta, e os acampados vivem em uma rotina diferenciada, estando sujeitos a largar tudo e se organizar de última hora para uma mobilização em algum lugar dentro ou fora do Paraná. Para o Movimento, essa questão contribui para a formação dos acampados, mas principalmente dos/das jovens acampados, que vivenciam esses processos de organização e aprendem com eles. O MST compreende que o jovem, para além dos afazeres na agricultura, se apresenta como um ator político, mas encontra limitações em sua permanência no campo.

⁴Setores estes que se aplicam ao acampamento Maila Sabrina. Cada acampamento/assentamento possui uma organização semelhante a esta, mas não é exatamente igual.

⁵Ernesto de La Serna Guevara foi um dos líderes da Revolução Cubana de 1959 e que agora é um símbolo de luta e resistência.

⁶Animação é um termo utilizado dentro do movimento para se referir às atividades que possibilitem um engajamento espiritual dos militantes. Isto é, um engajamento que passe por sentidos outros, quase religiosos, de ligação com o movimento, como ocorrem nas místicas e outras atividades. De acordo com Marcon e Ribeiro (2019), a mística é uma prática já consagrada pelo MST em suas ações, eventos, congressos e encontros. Moscal (2017, p. 206 *apud* Marcon e Ribeiro, 2019, p. 6) a define como um “processo ritual e performativo” no qual diferentes elementos são nele integrados, como a música, o teatro e o discurso. Ainda segundo Moscal, desde a gênese do MST há na mística a influência da dimensão religiosa, seja do catolicismo popular, seja de correntes da Igreja Católica como a Teologia da Libertação, e ainda, espaços de ação específicos como as pastorais, entre elas, a Pastoral da Terra. Nesse sentido, “[...] a mística é força e poder movente entre os sem-terra” (MOSCAL, 2017: p.17 *apud* MARCON; RIBEIRO, 2019, p.6). Geralmente, a tarefa de “animar” é direcionada aos jovens, que buscam por meio de músicas e dinâmicas animar o público e a militância.

Ao observar a juventude no MST é necessário compreender os seus múltiplos significados, entrelaçados à consciência de luta e resistência pelo acesso à terra. Isso nos leva a buscar entender como os/as jovens acampados compreendem esse processo de resistência, buscando sua autonomia nas tomadas de decisão sem serem levados com descaso por parte dos adultos, que muitas vezes associam os/as jovens ao desinteresse (CASTRO, 2009, p. 5). Parte-se de uma perspectiva atenta ao protagonismo dos/das jovens nos processos de organização e participação política e na construção de sua subjetividade, sem deixar de considerar suas dificuldades diante da subalternidade e hierarquia com os adultos.

Sobre a categoria “juventude do campo”, e outros adjetivos às muitas juventudes possíveis, Castro (2005) reflete:

O debate sobre a categoria “juventude” torna-se central na medida em que as muitas concepções que se entrecruzam definem olhares e mesmo a atuação do poder público. Mas, trata-se também de uma categoria que permite aprofundarmos o próprio fazer antropológico. (CASTRO, 2005, p.181).

O MST traz em sua proposta uma ideia de juventude para além de uma faixa etária, isto é, entende que as questões fisiológicas dos indivíduos não são suficientes para compreender a juventude ou defini-la. Portanto, para o MST há a centralidade da “formação” e da “prática”, uma vez que os/as jovens devem participar de ocupações de terra, encontros e atos políticos. No entanto, é possível indagar de que maneira o MST constitui um modelo do que é ser jovem dentro do Movimento, e o quanto estes/estas jovens se identificam com a imagem que o MST espera deles. Embora o Movimento entenda o jovem para além de questões como a faixa etária, acaba por generalizar uma ideia de juventude como a que precisa ser formada, que está “em desenvolvimento”, o que também a colocaria à mercê de perigos e a transformaria em “problema social” potencial.

4 COLETIVO DE JUVENTUDE “FILHOS DO CHÊ”: UMA TENTATIVA DE ORGANICIDADE

Neste capítulo, procuro apresentar um dos espaços de atuação por excelência dos jovens Sem Terra em um acampamento, os coletivos⁷. Nessa busca por seu espaço e lugar de fala é que a juventude do acampamento vem formando coletivos e realizando suas ações. Um coletivo, assim como as outras frentes de organização interna do acampamento, partilha da mesma ideia de organização, pautada em um bom funcionamento da comunidade. As famílias em conjunto formam o acampamento, mas para isso, precisam compartilhar de uma determinada organicidade.

A expressão *organicidade* indica no Movimento o processo através do qual uma determinada ideia ou tomada de decisão consegue percorrer de forma ágil e sincronizada o conjunto das instâncias que constituem a organização, desde o *núcleo de base* de cada acampamento e assentamento até a *direção nacional* do MST, em uma combinação permanente de *movimentos ascendentes* e descendentes capazes de garantir a participação efetiva de todos na condução da luta em suas diversas dimensões. (CALDART, 2000, p. 162).

Para que os objetivos do Movimento se mantenham claros é que se estruturou a ideia de organicidade, pensada justamente para a estruturação do MST, mas também a reestruturação, caso necessário. A organicidade pode ser observada na forma em que os atores sociais participam, por meio de Brigadas, Núcleos de Base, Setores e Assembleias.

Essa ideia de organicidade também foi transmitida aos coletivos de juventude. Nesse sentido, partiu da direção do Movimento a iniciativa de possibilitar um espaço próprio aos jovens: sobretudo, um espaço de formação, visando a continuidade do Movimento pela atuação das novas gerações.

Porém, são muitas as controvérsias entre a busca por uma juventude participante, presente nos momentos decisivos, e uma base concreta de participação. Base concreta no sentido de oferecer efetivamente espaços para se pensar o papel da juventude e também oportunidades em que essa mesma juventude possa aprender sobre as possibilidades de sua atuação. Formar um

⁷ Embora a pesquisa se concentre sobre o Coletivo “Filhos do Chê”, também falarei de outros coletivos citados nas entrevistas, como a Equipe Cultural “Do Outro Lado da História” e o Coletivo “Juventude do Maila Sabrina”.

coletivo no acampamento traz a ideia de uma organização própria da juventude, onde a mesma possa experimentar, dar-se conta de sua capacidade de contribuir, tanto no campo teórico como na prática. No entanto, como as entrevistas mostraram, há ainda uma divergência de expectativas sobre o que é ser jovem, e o que é ser um jovem Sem Terra no acampamento Maila Sabrina.

Como mencionado no capítulo anterior, o acampamento Maila Sabrina está localizado no município de Ortigueira, estado do Paraná, e surge da ocupação da fazenda Nossa Senhora do Carmo no dia 08 de janeiro de 2003. É uma comunidade formada por pessoas vinculadas ao MST⁸. Sua ocupação foi dividida em dois momentos, o primeiro iniciando no dia 08 de janeiro do ano de 2003, com a ocupação de uma parte da fazenda que ficava situada no município vizinho de Faxinal-PR. No segundo momento (julho de 2006), foi ocupado o restante da área, localizada por sua vez no município de Ortigueira. Durante esses 18 anos em que a fazenda foi ocupada, o número de famílias foi variando, dada a forma como o processo da luta pela terra se colocou nesses períodos. Atualmente, o acampamento conta com cerca de 370 famílias acampadas na parte maior da fazenda, pertencente ao município de Ortigueira, e mais 10 famílias na área que se situa no município de Faxinal. O nome “Maila Sabrina” foi dado ao acampamento em homenagem a uma criança que nele residia e faleceu vítima de leucemia.

Fotografia 1: Vista panorâmica do acampamento Maila Sabrina



Fonte: Divulgação Facebook do Acampamento Maila Sabrina

Mesmo com 18 anos de acampamento e ocupação da área, o risco do despejo ainda se faz presente no cotidiano das famílias Sem Terra, o que justifica a necessidade de o Movimento prezar pela organização mencionada no capítulo

⁸ Importante mencionar que apenas pessoas cadastradas pelo Movimento podem permanecer (morar) no acampamento.

anterior, principalmente diante dos cenários políticos que se constituem ao longo do tempo. Além desse fator, a migração para a cidade também é outro elemento de preocupação, pois muitos deixam o acampamento, muitas vezes por não conseguirem se manter financeiramente ali. Entre esses que migram para a cidade, muitos são jovens, o que implica em outras motivações para sair, para além da questão financeira.

A saída dos jovens do acampamento é muito presente, uma vez que são poucos os que permanecem acampados até conseguirem o “lote” – categoria nativa que representa a porção de terra com medidas estabelecidas pelo INCRA e pelo MST quando o assentamento se concretiza⁹. Isso acontece mais com os jovens que não são filhos de pais acampados, pois estes possuem anos de experiência no acampamento e cresceram nele. Os jovens que não nasceram no acampamento são os mais propícios a deixá-lo, pois seus vínculos sociais são mais restritos. Outro fator é que muitos jovens dependem financeiramente dos pais, e quando esses deixam o acampamento, os filhos os acompanham. O coletivo de juventude acabou sendo visto como uma alternativa a essa realidade no sentido de se constituir como uma forma de manter os jovens no campo (no acampamento), pensado enquanto um espaço de pertencimento e protagonismo, afinal, a bandeira da luta pela permanência no campo também é levantada pela juventude, como mostrou Castro em seu estudo:

Um caminho analítico que se mostrou revelador foi olhar para os jovens que se organizam nos movimentos sociais rurais hoje, no Brasil, tendo como bandeira de luta a permanência no campo. A análise deve considerar a juventude sobretudo a partir dos processos de interação social e as configurações sociais em que está imersa (CASTRO, 2008 p. 3).

No sentido de permanecer no campo e no acampamento, observa-se que há um esforço por parte da juventude para conquistar seu espaço, quase como uma forma de provar que o jovem é digno de responsabilidades e podem se incumbir delas. Então, para além da luta pela terra, há também uma luta por autonomia e protagonismo nas decisões do acampamento, como reflete José, um dos entrevistados na pesquisa:

Deveria ter mais voz para decidir e defender questões do acampamento, porque isso faria com que os jovens se esforcem mais, ocupando mais o tempo e tendo mais responsabilidade (José,¹⁰ 24 anos).

⁹ Outra expressão muito usada pelos militantes do MST é “ir pra cima do lote”, que é quando o assentamento se concretiza.

Nas palavras de José, aparece a percepção do jovem como aquele que deve se ocupar de algo, que não possuiria, a princípio, responsabilidades. Assim, passei a refletir sobre os sentidos de autonomia e protagonismo articulados pelo Coletivo e pelos jovens que participam dele.

A formação do coletivo Filhos do Chê foi a mais recente¹¹ dentro do acampamento. O coletivo foi criado no ano de 2019 por alguns jovens e educadores que se reuniram para debater sobre as atividades para a juventude. Nas reuniões, pensavam e discutiam o que a juventude poderia fazer no e pelo acampamento, além de se discutir espaços de lazer e cultura, que no entendimento do grupo deveriam ser organizados pela juventude. Inicialmente, a ideia foi criar algumas atividades relacionadas ao lazer, e posteriormente seriam pensadas atividades de formação. O coletivo Filhos do Chê foi estruturado exatamente de acordo com a organicidade do acampamento, com uma dupla de coordenadores, uma jovem e um jovem, responsável por coordenar todo o coletivo. Além dos coordenadores, algumas frentes seriam responsáveis por determinadas atividades, como a Frente da Batucada, Frente do Teatro e Frente do Cinema. Sobre as atividades das frentes, Maikon me contou sobre a função de cada uma delas:

Organizar momentos de lazer, como: torneio de futebol, torneio de vôlei, gincana, criar espaços e momentos de formação, fazer o projeto de uma horta comunitária orgânica. Na minha opinião, obter conhecimento, trabalhar e se divertir é básico para a sobrevivência, não só dos jovens mas de todo mundo (Maikon, 25 anos).

No início, o Coletivo organizou apenas atividades culturais e os jovens se reuniam para praticar estêncil¹², aprendendo como fazer, criando figuras e formas (como a imagem de Ernesto Chê Guevara, entre outras referências da militância de esquerda). Depois de aprendida a técnica, os jovens do Coletivo se reuniam para aplicar o estêncil nas paredes das construções do acampamento, como casas, cercas e escola. Em outros momentos, se reuniam para praticar a “batucada”, tocar instrumentos de percussão, como tambores feitos a partir de material reciclável, entoando palavras de ordem referentes à juventude revolucionária, além de músicas que expressavam o sentimento de ser Sem Terra, entre outras de acordo com os

10 Nome fictício. As falas dos/as entrevistados/as serão colocadas em itálico para se diferenciarem de outras citações do texto.

11 Até a data final das entrevistas (fevereiro/2021).

12 Trata-se de uma técnica utilizada nas artes visuais e tem como objetivo estampar algo por meio de uma prancha que apresenta um desenho já recortado. Pode-se aplicar o estêncil em diferentes superfícies, como papéis, madeira, tecidos, entre outros. Utiliza-se tinta líquida ou spray.

seus gostos particulares. Outra atividade cultural e de lazer era o cinema, onde eram exibidos (projetados) diversos filmes, sendo essas exibições abertas a toda a comunidade. Outra atividade importante foi a horta comunitária, que deveria ser de responsabilidade da juventude, visando arrecadar recursos para o transporte e alimentação dos jovens em formações fora da comunidade, em outros acampamentos/assentamentos do MST.

Fotografia 2: Reunião de jovens do Coletivo de Juventude



Fonte: Divulgação Facebook da Juventude Maila Sabrina

A demanda de criar o Coletivo a partir da Direção representou a necessidade de o acampamento possuir um espaço de organização da juventude. Por outro lado, por não ter partido dos próprios jovens, acabou relevando o frágil protagonismo e capacidade de auto-organização da juventude naquele contexto. Ao analisar os motivos da criação de coletivos no acampamento, para além de uma formação pensada na continuidade do MST, outros pontos são levantados pelos próprios jovens sobre isso:

A juventude começou a se divertir de forma inadequada, sendo malvista pela comunidade, então a direção juntamente com alguns professores iniciou a ideia de organizar a juventude formando assim um coletivo, assim torna-se mais fácil incluir os jovens em algum tipo de atividade sendo elas: atividades recreativas, atividades culturais, lazer e etc (Mailon, 25 anos).

Essa ideia de juventude se divertindo de forma “inadequada” nos leva a pensar sobre as percepções hegemônicas sobre os jovens, isto é, percepções depreciativas de suas formas de se expressar e se divertir. De acordo com Castro (2009), quando tratamos de pensar a juventude no campo, devemos observar:

[...] além de uma categoria que representa identidades sociais, uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados, mas que vem se desenhando em diferentes contextos como uma categoria marcada por relações de hierarquia social. (CASTRO, 2009, p. 3).

Passei a indagar sobre como um jovem militante deveria se divertir. Quais as expressões socialmente aceitas e esperadas deles, enquanto militantes e comprometidos com a luta pela terra. A ideia de criar um coletivo de juventude, em geral, parte da direção dos acampamentos, ou seja, dos adultos que compõem a frente na tomada de decisões envolvendo o acampamento. De que maneira essa característica contribuiu para que as atividades do Coletivo Filhos do Chê e outros tenham se dispersado e perdido sua força de atuação no acampamento ao longo dos anos. O coletivo se dispersou no ano de 2019, mas os jovens continuam ali, mesmo tendo noção de sua capacidade de organicidade. Ao questionar uma das entrevistadas sobre ela acreditar ou não que a juventude tem possibilidade de apresentar pautas de luta, envolvendo diversas questões, como gênero, luta pela terra, educação, política, entre outras, sua resposta foi bastante afirmativa: “*sim, nossa capacidade é muito grande*” (Maria, 20 anos).

A ideia de uma auto-organização dos jovens pareceu se mostrar distante para os jovens entrevistados. Se pensarmos na questão dos conflitos geracionais vivenciados no campo, mas também em outros contextos, é possível compreender o impasse de um Coletivo ser criado por iniciativa da Direção do acampamento, ou seja, pelos adultos. Isso revela a busca constante dos jovens por um espaço de participação, mas principalmente um espaço de decisão. Além disso, revela a forma com que a juventude ainda é vista, nessa relação jovem/adulto, como objeto de vigília e controle, perdendo assim seu lugar de fala.

Ao pensar em juventudes e relacioná-las com o meio em que elas atuam, percebemos uma grande importância do acampamento, enquanto esse espaço de engajamento político para os jovens do campo. Diante desse espaço, alguns coletivos foram se formando e tomando forma, efetivamente expressando um lugar importante para os jovens constituírem um lugar de falar. Mas levando em conta uma organicidade própria do Movimento, não discutida necessariamente com a colaboração da juventude, nota-se que o Coletivo não conseguiu se perpetuar de forma atuante para consolidar esse lugar.

O Coletivo de Juventude trouxe reflexões sobre o porquê de estarem se reunindo e o que buscavam com isso. O coletivo teve um importante campo de

atuação dentro do acampamento, o que possibilitou uma atuação repleta de significados singulares, diferente da atuação de jovens em outros contextos sociais. Uma atuação ligada à militância Sem Terra e às expectativas sobre ser um jovem militante. Esses coletivos mostram um tipo de organização, de tomada de decisão, o que também acaba modulando a identidade Sem Terra, que passa também pela identidade camponesa¹³, de filhos e filhas de camponeses, jovem do campo, jovem Sem Terra.

A juventude que cresceu nesses longos anos de acampamento não se encaixaria em uma única definição, pois precisamos levar em conta vários aspectos que envolvem uma juventude militante. Dentre esses aspectos, estão a diversidade de lugares de onde as pessoas saem para passar a morar em um acampamento, o que implica em uma grande diversidade cultural. Para morar em um acampamento do MST, além dos critérios que a organização exige, qualquer pessoa que simpatizou com as propostas do Movimento pode passar a residir e fazer parte do acampamento. Diante disso, durante um ano, o número de pessoas que vão morar e o número daquelas que vão embora são muito variáveis. Pessoas vêm de vários lugares do Brasil para o acampamento, geralmente junto de seus familiares, com crianças e jovens.

Como os jovens vêm de diferentes regiões, também possuem diferentes modos de vida e pensamentos, e aqueles que nunca tiveram contato com um movimento social, passam aos poucos a entender a dinâmica do MST e se envolver em suas atividades de formação e militância. Há aqueles que nasceram no acampamento e aqueles que aos poucos passam a compreender as pautas de militância, o que também acaba por gerar conflitos de identificação e expectativas. Esse aspecto que envolve o público jovem do acampamento é um dos fatores para se pensar o contexto social no qual a juventude está inserida quando tratamos de uma juventude do campo e militante de um movimento social. Ou seja, para além de estarem no campo dentro de um contexto de luta pela terra, ainda se encontram fragmentados enquanto juventude, ou seja, possuem identidades plurais que muitas vezes entram em conflito com as expectativas sobre o que é ser jovem.

Não sendo possível datar todos os coletivos de juventude que se formaram dentro do acampamento, relatarei os citados pelos entrevistados, sendo esses: Equipe Cultural “Do Outro lado da História”, que se formou aproximadamente em 2011; Juventude do Acampamento Maila Sabrina, de 2017, e por último e mais

¹³ Optei pelo termo camponês porque os sujeitos da pesquisa se autodenominam dessa forma.

recente, o coletivo Filhos do Chê, de 2019 (atualmente esse coletivo não está mais atuando). Cada coletivo com suas especificidades e características diferentes, já que se formaram em diferentes momentos, modelando-se conforme os jovens que os integravam.

Algumas perguntas surgem a partir da formação desses coletivos. Por exemplo: quais as necessidades de se ter um coletivo dentro do acampamento? Para explicar isso, precisamos entender a pauta de luta do MST, que entende de maneira clara a importância de uma juventude militante. Quando buscamos falar de juventude, esta palavra apresenta dois polos diferentes:

Juventude pode ser vista positivamente como um momento de jovialidade transitória. Ou negativamente, como um período da vida das pessoas de dificuldades de adequações e adaptações sociais e de desajustes. Atribuindo a este período uma certa desconfiança em relação a irresponsabilidades ou imaturidades a ser resolvida com a vida adulta. (CASTRO, 2005, p. 29).

Quando focamos na palavra “responsabilidade”, ela não se encaixa, em muitos casos, no perfil dos jovens, uma vez que ao analisarmos o que é ser jovem nas mídias, percebemos uma forte relação com drogas, violência, sexualização e mercado de trabalho. Pereira (2007) em seu texto “Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais”, destaca os diversos autores e estudos relacionando juventude a algum tema que só faz sentido contrapondo a algo, possibilitando um maior conhecimento sobre o que é ser jovem entrelaçado com o seu contexto. E para além de uma juventude ligada a problemas, os diversos contextos em que ela está inserida possibilitará uma maior compreensão do que é ser jovem. Voltando o olhar para a juventude Sem Terra, refletimos sobre o que esse contexto propiciou aos jovens que residem em um acampamento.

A vida de um acampado é “lidar com a terra”, em busca do sustento, exceto aqueles que possuem um trabalho fora do acampamento, na cidade ou em outro espaço rural, e que sua renda não dependa cem por cento da terra. Muitos ajudam seus pais no campo, com plantios e criações de animais, e alguns são autônomos financeiramente, não dependendo dos pais, vivendo sozinhos no acampamento. Isso vai formando um perfil de jovens mais ou menos dependentes e independentes. Ao passo que lidam com a vida de camponeses, os jovens também se encarregam de atividades de organização e convivência no acampamento, cumprindo tarefas e participando de reuniões.

Mobilizar os jovens é uma necessidade, uma vez que o MST preza pela construção desse ator político. Por mais que grande parte das atividades do coletivo sejam manuais, como pintar alguma estrutura, fazer teatro para arrecadar fundos ou até a organização de místicas, fazer parte dele trazia um sentimento de pertencimento, como relatado na seguinte entrevista:

Pra mim o coletivo representava muito, porque era onde eu podia mostrar minhas ideias, era onde eu me sentia um pouquinho mais emancipado mesmo, como quando eu comecei, por exemplo, com dezesseis anos, a fazer parte da juventude. Para mim era incrível, é incrível até hoje né, porque eu me sinto organizado, tipo tem muita coisa que gente pode mudar assim. (Pedro, 23 anos)

Percebe-se que fazer parte do coletivo traz esse sentimento de pertença, sentimento esse que é muito importante para o MST, porque causar esse sentimento de pertencimento é um dos rituais de se tornar Sem Terra. O caminhar e cantar junto, deste modo, produz sentimentos de pertencimento e de unidade, essenciais nas dinâmicas de movimentos sociais (MOSCAL, 2017, p. 53). A juventude, ao se encarregar de uma mística ou música traz a “animação” para a luta. A juventude Sem Terra é responsável por duas atividades importantes nesse contexto: a Agitação e Propaganda¹⁴. É essa capacidade de animar o público que torna a juventude tão importante para o Movimento, que tem em suas raízes “cativar o povo pelo sentimento”:

É na elaboração deste vocabulário de sentimentos acerca da luta, que a mística (enquanto ritual e enquanto força) é trabalhada. E é na formação nos diversos setores das expressões artísticas que seus militantes buscam subsídios para as transformações inerentes ao próprio Movimento, à conjuntura, às mudanças geracionais e as dinâmicas próprias de entrada e saída na militância sem-terra. Na relação entre formação e ação política, as expressões artísticas são pensadas por seus militantes como uma ponte/articulação para ampliar seu repertório de práticas, especialmente no que tange ações de Agitação e Propaganda, espaços não apenas de práticas (como batucadas, esquetes e panfletagens) mais direcionadas àqueles que são possíveis candidatos a integrar suas fileiras, mas também à opinião pública. (MOSCAL, 2017, p. 83).

Animar o povo e desconstrair a vida em um acampamento se torna uma tarefa tão importante quanto as demais, além de também representar uma possibilidade de “politizar” os jovens e os demais dos acampamentos, principalmente os recém-

¹⁴ “A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social” (Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, 2007, p. 10).

chegados que não conhecem muito bem as demandas do MST. O lazer também se faz presente nos acampamentos e assentamentos, como os bailes, festas, rodas de violão na lanchonete, entre outros. Muitas das tarefas dos coletivos foram voltadas à animação, como relatados nas entrevistas sobre quais atividades a juventude realizava enquanto coletivo:

atividades culturais... batucadas, cinema, teatro , horta comunitária , músicas do movimento etc. (José, 24 anos)

Apresentávamos teatro na comunidade, nas manifestações, em outros acampamentos, em todos os lugares que éramos convidados (Sofia, 25 anos)

Atividade de teatro, batucada, estêncil, dança e formação dos jovens fora do acampamento etc. (Maria, 20 anos)

Essas atividades, que em grande parte se referiam mais a animação, faziam parte da definição do que é ser jovem em um acampamento, e também eram vistas como uma ferramenta da ação política, possibilitando a formação dos jovens Sem Terra. Na perspectiva do MST, a juventude tem esse papel histórico na continuação e construção do Movimento, dando esse sentido de renovação da luta pela terra e por Reforma Agrária, e passando adiante a bandeira de luta levantada pela geração passada. E para isso acontecer, a necessidade de um espaço de organização da juventude se fez presente. No entanto, as vivências de um jovem do campo trazem em contrapartida a falta de um espaço de organização em que se possa construir efetivamente seu protagonismo. E é justamente essa falta de protagonismo que dissemina a ideia do não-pertencimento. Se um jovem engajado na luta é aquele que participa da organicidade do acampamento e procura participar em momentos de discussões, uma juventude não engajada é aquela que não se sente parte do Movimento, não se sente parte do coletivo de juventude, e são esses jovens que estão mais sucintos a saírem do acampamento, a deixarem o campo e buscar esse protagonismo na cidade. Ao não se reconhecerem enquanto construtores e atuantes no acampamento, mais difícil torna-se a construção e a autoafirmação de Sem Terra.

A gente tem as contradições né, dentro do nosso coletivo, dentro do nosso MST, do nosso Movimento, a gente tem nossas contradições. Isso a gente

tá avançando ainda né.. algumas pessoas não apoiavam muito porque não entendiam o que era ser da juventude, achavam que é só “baderna”, que é só “fuzuê”... “a minha filha só vai para namorar, a meu filho só vai pra fazer bagunça...”. “Ah, meu filho tá aprendendo isso, aprendendo aquilo que eu não gosto”. Mas tinha também o pessoal que apoiava, que sempre ajudou, sempre debateu a favor da juventude, inclusive... Assim que a gente ajudou né, a discutir sobre juventude, que juventude é isso, isso e isso. Eu acho que algumas das pessoas até chegaram a participar de algumas reuniões para saber como é que era e tal. Porque realmente apoiava, então é isso...só que sem a apoio é complicado, enfim...se a juventude tivesse mais força, independente de apoio ou não né... a juventude estaria ainda no nosso acampamento exercendo o papel, porém a gente ainda não ta com essa organização. (Pedro, 23 anos)

Outra questão importante é pensar o papel da educação nos processos de formação da juventude militante. A importância da Educação para o MST vem sendo uma demanda importante, uma vez que busca consolidar a formação e educação para os Sem Terra, como demonstra Simone Frigo em sua dissertação: “[...] era impossível pensar em educação sem considerar a formação política realizada no MST, pois ambas fazem parte de um mesmo processo histórico e de uma mesma concepção política” (FRIGO, 2008. p. 2).

A educação desenvolveu um importante papel dentro do acampamento Maila Sabrina, com o objetivo de “educar na luta”, propiciando pensar o acampamento e o papel de resistência de uma escola. Como analisa Frigo (2008, p. 2): “[...] a educação e a formação política têm uma relação forte com a ideia de “prática”, pois ambas se dão na ação, na “luta”.” O Movimento entende que é preciso desenvolver uma Educação própria, voltada à realidade do campo e dos acampados e assentados e que se relacione à luta por Reforma Agrária:

O Setor de Educação foi criado em 1988, numa reestruturação interna que dividiu o MST em setores de atividades. A inclusão de um setor específico de educação é resultado da organização de professores e pais, que então definem a questão educacional das crianças e dos jovens nos acampamentos e assentamentos como uma das prioridades. [...] estava em jogo a questão mais ampla da cidadania do trabalhador rural sem-terra, que entre tantas outras coisas inclui também o direito à educação e à escola. (FRIGO, 2008, p. 20).

Uma escola dentro do acampamento é um símbolo de resistência, uma vez que se pensa todos os processos para alcançar essa proposta. Inserindo os jovens nesse contexto, entende-se que o primeiro contato com a formação política ocorre na escola. Isso se justifica ao analisarmos ao Projeto Político Pedagógico da escola do acampamento Maila Sabrina, que se caracteriza como uma Escola Itinerante. “A proposta de uma educação diferenciada foi pensada tendo como base as chamadas

“pedagogias alternativas”, que buscam construir uma relação entre os conteúdos programáticos e a experiência vivida pelos alunos no seu dia a dia.” (FRIGO, 2008, p.20).

O que se inicia na escola é levado para os coletivos, sendo um espaço onde se reunirão e expressarão seus conhecimentos. O coletivo é também um espaço de formação dos jovens, que vão modelando e remodelando o papel a ser desenvolvido enquanto jovem militante.

Afirmo que a trajetória da formação dos militantes sem-terra é um processo educativo, de formação humana, mas não de qualquer humano, falo de uma visão de humanização que é própria, específica do MST. Esta concepção foi sendo produzida a partir das experiências concretas dos indivíduos de participar das ações que constituem o MST numa relação direta com a Teologia da Libertação e algumas teorias da esquerda socialista. A formação dos sem-terra, pois, se dá pela assimilação de discursos, pela vivência pessoal, pela participação em cursos de formação, pela escola regular, pelas ocupações etc. Todos estes elementos fazem parte de um conjunto de ações que compõem o que no MST se chama de “luta social”. (FRIGO, 2008, p. 39).

São essas experiências dos jovens Sem Terra que os diferenciam, formando uma juventude específica do campo, que traz consigo o sentido da luta pela permanência no campo, mas também a luta pelo seu espaço, por protagonismo. O MST se considera um sujeito coletivo que educa os jovens a partir de um projeto político-ideológico contrário aos interesses da hegemonia capitalista. Esse educar está desenvolvido nas experiências acumuladas pelo MST ao longo da história de luta e resistência dos trabalhadores do campo e que tem nesse Movimento sua continuidade (MARTINS, 2009, p. 252).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema de pesquisa aqui estudado surgiu a partir de um projeto de pesquisa do grupo Antropologia, Jovens e Juventudes da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), orientado pela professora Fernanda Marcon, em que se realiza um estudo etnográfico sobre as performances políticas partindo da experiência de jovens militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de jovens indígenas no Paraná. A partir de minhas vivências enquanto acampada e ex-integrante do Coletivo de Juventude Filhos do Chê, busquei compreender essa juventude militante que fez parte de minha formação e de meu próprio reconhecimento como jovem. Outro fator importante para justificar esta pesquisa foi entender que o tema da juventude relacionada com o meio rural é muito recente e, por isso, apresenta limitações acerca de material teórico para entendermos as diversas juventudes e a juventude ligada a movimentos sociais do campo.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo inicial realizar uma etnografia que se viu impossível diante da pandemia que se iniciou em 2020 e permanece até o presente momento. Assim, o objetivo geral passou a ser uma reflexão acerca dos jovens acampados e envolvidos com um movimento político de luta pela terra, e ao fazermos isso, podemos dizer que o objetivo geral foi atendido, pois o trabalho conseguiu demonstrar que ao entendermos como se constrói a relação entre os jovens e os contextos nos quais estão inseridos - no caso, um acampamento do MST - entendemos como se constroem essas experiências de tornar-se jovem em um movimento social do campo. A partir das experiências dos jovens que vivem acampados e que buscam se organizar em coletivos, compreendemos as contradições e diferentes expectativas sobre ser jovem e de se relacionar com o campo político. Percebe-se, então, que os jovens do acampamento Maila Sabrina lutam pela permanência no campo, por educação, por Reforma Agrária, mas também por seu protagonismo nos espaços de decisões e pelo reconhecimento de suas formas de se expressar e lutar.

A pesquisa partiu da hipótese de que as experiências da juventude do MST constroem uma relação entre ser jovem e ser engajado politicamente na militância, um modo de tornar-se jovem a partir dessa experiência. Durante o trabalho verificou-se que o acampamento do MST busca formar uma juventude específica no campo, pois carrega consigo não só a luta pela terra, mas também a continuidade do

Movimento. Os jovens têm entendimento da dimensão desse papel incumbido a eles e por isso buscam participar dos coletivos. Porém, ainda é um campo de disputa entre gerações, tendo em vista que os adultos ainda os enxergam como “imaturos” e “sem responsabilidade”. A hipótese foi confirmada quando entendemos que os coletivos do acampamento são espaços em que os jovens se expressam e conseguem exprimir o seu significado de ser jovem, carregado de especificidades, mas que também têm em comum a luta pela Reforma Agrária e a permanência no campo. Essa juventude do campo, gerada dentro do Movimento, traz consigo a mística de tornar-se jovem, onde se constrói o sentido da luta pela terra.

O coletivo Filhos do Chê possibilita compreender que a militância faz parte da juventude do MST e isso só se torna possível pelo viés político assumido pelo próprio Movimento em seus espaços formativos. No entanto, os conflitos geracionais existentes no campo e nos acampamentos e assentamentos do MST, configuram um antagonismo entre uma juventude militante e uma juventude protagonista, pois nem todo militante é protagonista. Por meio das entrevistas com os jovens, percebeu-se que os mesmos entendem o sentido do Coletivo e a importância da militância jovem no Movimento. No entanto, percebem que esses espaços permanecem muito mediados pela direção, composta por adultos, sem que o protagonismo jovem nas decisões se concretize na prática.

O trabalho também apresentou algumas limitações, já que foi realizado durante a pandemia, o que impossibilitou a observação de campo. Como as entrevistas tiveram que ser realizadas de forma online, via e-mail, Whatsapp e Facebook, acredito que as respostas tenham sido prejudicadas em certa medida. Alguns jovens não retornaram meus contatos e por isso as entrevistas foram realizadas apenas com cinco integrantes do coletivo. Desses cinco, duas pessoas foram entrevistadas para além de uma entrevista semiestruturada, onde foi entendido que o diálogo seria mais pertinente via áudio, o entrevistado podendo se expressar melhor, uma vez que a pesquisa visava uma análise antropológica. Além disso, o acesso à internet no acampamento comprometeu bastante o engajamento de outros integrantes do coletivo na pesquisa. Outra limitação, e que aqui vale ressaltar como experiência, é fazer entrevistas e trabalhos de pesquisa durante a pandemia, o que trouxe além de dificuldades, muitas emoções acerca do que estamos vivenciando e que influenciam tanto na dinâmica dos acampados, como também no emocional da pesquisadora.

Acredito que esse trabalho abre espaço para pesquisas futuras sobre a juventude Sem Terra, principalmente pelo viés etnográfico. Entender a vivência dos jovens que estão inseridos na luta pela terra e como se organizam em seu cotidiano poderia ser mais bem apreendido a partir de uma observação de campo, pelo viés etnográfico. Também houve limites em entendermos as relações patriarcais no campo e conseqüentemente no acampamento, o que gerou o desejo de realizar pesquisas futuras a respeito desse tema.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil", in PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.), **Juventude e Contemporaneidade** – Revista Brasileira de Educação, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CANUTO, Antônio, Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade. In: **Mutirão por um Novo Brasil** – Temas em debate - 4ª Semana Social Brasileira (2004-2006) – CNBB, 2004.
- CASTRO, Carmen Verônica dos Santos. **A Mística de tornar-se jovem no MST - a experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural**. Seropédica, Rio de Janeiro: UFRRJ, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005 (Tese de Doutorado).
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural no Brasil: processos de construção da categoria juventude rural como ator político: participação, organização e identidade social**. 26a Reunião Brasileira de Antropologia, 01 a 04 de jun/2008, Porto Seguro, Anais da 26a Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro: RBA, 2008, p.340-355.
- CHAVES, Christine de Alencar. **A Marcha Nacional dos Sem Terra, Um Estudo Sobre a Fabricação do Social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2000.
- DUARTE, Almir Jacinto. **Jovens urbanos na periferia de Goiânia: espaços formativos e mediações escolares**. 2012. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2012 (Tese de Doutorado).
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (1979 –1999)**. São Paulo: USP, 1999. (Tese de Doutorado em Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).
- FRIGO, Simone. **"A luta é a nossa escola": educação e formação política no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2008 (Dissertação de Mestrado).

IBGE.EDUCA. **POPULAÇÃO RURAL E URBANA**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>. Acesso em: 07 de nov. 2020.

MARCON, Fernanda; RIBEIRO, Mayara Andrade. “Juventude que luta”: reflexões sobre antropologia e performance a partir de estudos sobre grupos de juventude no MST. **Anais da XIII Reunião de Antropologia do Mercosul – RAM**. Porto Alegre: UFRGS, 22 a 25 de julho de 2019.

MARTINS, Suely Aparecida. **A formação política da juventude do movimento sem terra no estado do Paraná**. UFS, Florianópolis, SC, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2009. (Tese de doutorado).

MOSCAL, Janaina dos Santos. **Sentimentos da luta: música e mística no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. (Tese de Doutorado).

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Site oficial. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br> . Acesso em: 05 de maio de 2021.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe**, 1, 2007.

RODRIGUES, Fabiana de Cássia. Educação e luta pela terra no Brasil: a formação política no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 138, p.27-44, jan.-mar., 2017.

SALES. Celecina de Maria Veras. **CRIAÇÕES COLETIVAS DA JUVENTUDE NO CAMPO POLÍTICO: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. 2003. Tese de Doutorado (Doutor em Educação) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes** / Nilson Weisheimer. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.